

Gênero Sertanejo: A Relação das Mídias e da Transmídia no Projeto Bem Sertanejo¹

Fernando Nogueira da SILVA²

Larissa Toledo de MELO³

Rone Fabio Carvalho JUNIOR⁴

Maria Sueli Ribeiro da SILVA⁵

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto - SP

RESUMO

Na década de 90, nota-se de maneira intensiva o termo *mídia* como denominação de vários veículos, como a televisão, rádio, jornais, revistas. Com o advento da Internet, novos meios e plataformas surgem, possibilitando maior interatividade dessas mídias e o surgimento de novas linguagens, num processo denominado transmídia. Diversos gêneros musicais se apropriam desse recurso para divulgação de suas canções e de seus vídeos, entre eles o gênero sertanejo que, nas últimas décadas, vem crescendo no Brasil. Para contemplar e valorizar ainda mais este gênero, em 2014, teve início o projeto “Bem Sertanejo”, o qual foi veiculado primeiramente na televisão. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, tomando-se por base teórica o conceito de gêneros discursivos na visão bakhtiniana, a fim de se verificar a relação entre os gêneros musicais presentes neste projeto com o uso de mídias (rádio e TV) e transmídias (internet e redes sociais).

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Discursivos; Gênero Sertanejo; Projeto Bem Sertanejo; Mídia; Transmídia.

1. INTRODUÇÃO

O sertanejo, por longos anos, ganhou os lares dos brasileiros com o gênero caipira, o qual contou histórias e criou conceitos. Durante o período da Era do Rádio (1940-50), as pessoas paravam em frente ao veículo radiofônico para se emocionar com as radionovelas e se divertir com os humorísticos, além de se informar sobre a Segunda Guerra Mundial; nesse período, o sertanejo também encontrou no rádio o alavanque para sua divulgação. Com o passar dos anos, o gênero sertanejo dividiu-se em três vertentes: música raiz, música sertaneja e o sertanejo universitário (ENCICLOPÉDIA INTERCOM, 2016).

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda – RJ, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Orientando de Iniciação Científica e graduando do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Rio Preto, em São José do Rio Preto – SP, e-mail: nandosilvagbi@hotmail.com.

³ Orientanda de Iniciação Científica e graduanda do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Rio Preto, em São José do Rio Preto – SP, e-mail: larissatolelodemelo@hotmail.com.

⁴ Orientando de Iniciação Científica e graduando do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Rio Preto, em São José do Rio Preto – SP, e-mail: juniorrfc98@outlook.com.

⁵ Orientadora do trabalho, docente e pesquisadora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIRP, doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de São José do Rio Preto, e-mail: mssuribeiro@yahoo.com.br.

Segundo Antunes (2012), o novo olhar sobre o caipira se modificou aos poucos, tendo uma grande contribuição da radiodifusão, na época, uma novidade extremamente fascinante aos brasileiros. No início, os aparelhos eram restritos as classes mais altas da sociedade, pois eles eram de alto valor, porém, com o tempo foram ficando com menor preço e mais acessíveis às classes mais baixas.

Oliveira (2009) retrata a constituição dos gêneros da música sertaneja, mostrando que antes década de 30, a expressão “música sertaneja” denotava, indistintamente, toda música decorrente do interior do Brasil, como, por exemplo, o cateretê no interior paulista e o baião no interior nordestino. Nas décadas de 30 e 40, há a separação dos universos musicais do nordeste e do centro-sul, sendo chamada de “música caipira” a música do interior centro-sul. Já a partir dos anos 60, a expressão “música sertaneja” passa a denotar a ‘música caipira’ no espaço social urbano, tendo influências de outros estilos. A nova terminologia já retrata a constituição de um novo gênero discursivo sertanejo.

Assim, passou-se a utilizar a terminologia “música raiz”, “música caipira” ou “moda de viola” às canções que remetem à cultura, ao estilo e ao modo de vida no campo. E o termo “música sertaneja” passou a retratar a música que não tem mais como instrumento principal a viola, não tem somente a temática do campo, mas que sai também do interior do Brasil e, por essa razão, ser “música sertaneja”.

Com a internet e a globalização, o gênero sertanejo acaba fazendo incorporações tecnológicas e de ferramentas de propagação. Do velho radinho de pilha, hoje se houve o sertanejo pelos celulares. E outro gênero da música sertaneja passa a ser construído: o sertanejo universitário.

O termo “universitário” mostra sua propagação não só no espaço urbano, mas, sobretudo, entre os jovens que, em sua grande maioria, são universitários. No gênero musical sertanejo universitário, há uma referência da cultura do interior do país, como o estilo de se vestir (bota, chapéu), há influências de canções e de cantores de música raiz ou da música sertaneja, dos anos 60 a 90, mas não há mais primazia da viola caipira, não há só duplas. Há linguagem e os espaços, contemplados nas letras, são dos jovens de hoje, os ritmos se misturam, sendo construindo com um funk, um tecnobrega, entre outros estilos musicais.

Para Bakthin (apud Machado, 2013, p. 155), “a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades de atividade humana são inesgotáveis”, assim, as mudanças de estilos e de cultura mostram-se como um fato preponderante para as transformações ocorridas nas letras das canções sertanejas.

Assim, nota-se que o gênero sertanejo engloba distintas percepções da evolução histórica do gênero, tramitando em um processo histórico evolutivo, de acordo com o momento em que a sociedade está vivendo. Ao construir diferentes formas de discursos, o sertanejo acaba por ganhar o país, não apenas por mostrar as várias linguagens do interior do país, mas também pelo seu ritmo e singularidade ao estabelecer relações com o momento histórico da sociedade da época.

O projeto Bem Sertanejo, elaborado por Michel Teló e seu empresário Teófilo (e irmão de Michel) com a colaboração do jornalista André Piunti, trata do gênero sertanejo, que contempla a música raiz, a música sertaneja e o sertanejo universitário. Para propagação e valorização desse gênero, seus elaboradores não se detiveram somente na mídia televisão, quando, em 2014, lançaram esse projeto no Programa Fantástico, da Rede Globo, em um quadro denominado “Bem Sertanejo”. Mas buscaram outras produções, como a elaboração de um livro, de um DVD, de um CD, de um canal no *Youtube* e de uma página no Facebook.

Com base nisso, esta pesquisa trata do estudo do gênero sertanejo a partir do Projeto Bem Sertanejo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, tomando-se por base teórica o conceito de gêneros discursivos na visão bakhtiniana, a fim de se verificar a relação entre os gêneros musicais presentes neste projeto com o uso de mídias (rádio e TV) e transmídias (internet e redes sociais).

2. GÊNEROS DISCURSIVOS E A MÚSICA SERTANEJA

Para compreendermos o gênero sertanejo, faz-se necessário retomar o conceito de gêneros discursivos de Bakhtin (2011, p. 262), o qual diz que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”, que são denominados de “gêneros do discurso”.

O autor diz ainda que são infinitas também a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso, pois “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”. E cada campo de atividade apresenta um repertório integral de gêneros do discurso, “que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (op. cit.).

No que tange a música sertaneja, podemos dizer que é “o repetível e o novo se dando juntos”; os gêneros (raiz, sertanejo e sertanejo universitário) se relacionam, a tradição se repete e se renova no tempo e no espaço, se juntam e se separam, que se dialogam, que vão além do discurso verbal, formando uma arquitetura com sentidos dentro e fora desta (PAJEÚ, 2014, p. 35).

Nas palavras de Bakhtin (1976, p. 4):

[...] dos limites do artefato da arte, não há meio de se assinalar nem mesmo as fronteiras de material ou quais de seus traços têm significado artístico. O material em si e por si funde-se diretamente com o meio extra-artístico circundante e tem um número infinito de aspectos e definições.

Para Charaudeau (2013), a formação de um gênero ocorre do cruzamento de características de um gênero com outros. Portanto, um gênero é composto por vários outros subentendidos. Nota-se, a partir disso, que as características ideológicas do sertanejo ressalvam o seu valor histórico e contribuem para o entendimento de sua constituição final, pois entender o gênero sertanejo é compreender o seu passado e todas as suas fases até chegar aos dias atuais.

Segundo Pajeú (2014, p. 42), “cada esfera admite gêneros estabilizados que se ajustam a sua especificidade, assim não se espera de um gênero o que é tarefa de outro”. E a estabilização se dá pelo estilo, forma composicional e unidade temática.

Dessa forma, podemos notar que os gêneros discursivos são uma evolução baseada na história, a qual auxilia no cotejamento dos diferentes gêneros. No caso, o gênero sertanejo se faz do cotejo presentes na música raiz, na música sertaneja e no sertanejo universitário, em que cada um apresenta uma estabilidade de estilo, composição e de temática, dentro da esfera comunicativa a que pertence.

Além disso, os gêneros discursivos são mais complexos do que se possa imaginar, pois também vão se constituindo com base nas diversas estruturas de comunicação, como uso de mídias e transmídias, que, quando unidas, criam uma série de comportamentos que os envolvem, modernizando seus discursos conforme o período histórico em que esteja presente.

3. O PROJETO BEM SERTANEJO

De acordo com Teló e Piunti (2015), o projeto Bem Sertanejo foi pensado, inicialmente, em 2011, pelo cantor sertanejo Michel Teló e seu irmão mais velho e também empresário dele, Teófilo. O projeto seria, primeiramente, um DVD musical, em que todas as fases da música sertaneja pudessem ser retratadas e ainda fosse contada a história do gênero sertanejo por meio das canções.

Em razão de sucesso e do número de shows, que Michel Teló fez entre 2011 e 2013, o projeto ficou parado e, no final de 2013, Teló resgata novamente o projeto, agora com mais

experiência, por ter levado o gênero sertanejo a outros países do mundo. Este fez a seguinte declaração em seu livro Bem Sertanejo (2015), que retrata todo o projeto:

O projeto naquele momento parecia mais interessante ainda porque, após ter visitado praticamente o mundo todo com minha música, eu poderia mostrar ao público qual era minha real origem, tudo o que eu ouvi e o que ajudou a moldar o meu trabalho (TELLÓ E PIUNTI, 2015, p. 11).

Teló e o irmão Teófilo decidem apresentar a ideia do projeto para o produtor musical do programa Fantástico, da Rede Globo. O produtor aprovou o projeto e o apresentou aos diretores da emissora, que também acataram a ideia.

No livro Bem Sertanejo, que é parte desse projeto de Teló e seu irmão, notamos o detalhamento de cada passo do projeto, as reais motivações do cantor, em um discurso apaixonado por suas raízes. E, com isso, notamos que a real proposta do projeto é de contar um pouco da história da música sertaneja, na voz dos artistas desse gênero e das principais canções, que marcaram cada um dos gêneros musicais (raiz, sertanejo e sertanejo universitário). Junto à história do sertanejo, Teló conta a sua própria história, desde menino até se tornar um cantor sertanejo reconhecido mundialmente.

Como abordado no item anterior do artigo, o gênero sertanejo é resgatado pelo Teló, nesse projeto, por meio de uma visão sócio-histórica, marcada por vozes diversas que representam cada gênero musical que compõem o sertanejo. Ele busca, por meio do cotejamento dos diversos gêneros musicais (raiz, sertanejo e sertanejo universitário), mostrar a história do gênero sertanejo e suas relações com os meios de comunicação, trazendo um pouco da história do rádio, um pouco da televisão e seus bastidores, expandindo essa história pela Internet, por meio das redes sociais e de sites (como o Portal G1), num processo transmidiático de levar as informações.

Assim, o projeto Bem Sertanejo passa a ser conhecido do Brasil, em 20 de julho de 2014, em primeira mão, como quadro do Programa Fantástico da Rede Globo, também denominado “Bem Sertanejo”. Esse quadro foi composto por doze episódios, sendo que, ao longo da exibição, migrou para a internet e, em seguida, virou CD e DVD, originando, posteriormente, um livro, o qual reúne mais de 200 horas de gravação do projeto com informações adicionais.

Além do seu irmão e empresário, outros profissionais fizeram parte desse projeto e da elaboração do livro, entre eles o jornalista André Piunti e o fotógrafo Fernando Hiro.

Para retratar a história do gênero sertanejo, Teló visitou vários estados que apresentam maior número de artistas sertanejos, como, por exemplo, o estado de Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

Nesse projeto, Teló toma a posição de apresentador e de entrevistador, buscando sempre um diálogo informal, descontraído, mas singular com cada representante da música sertaneja.

Para contar um pouco da história do sertanejo no país, Teló fez entrevistas com representantes de cada gênero da música sertaneja. Para tratar da história da moda de viola, ele entrevistou os cantores Almir Sater, Sérgio Reis e a dupla Jads e Jadson, que lembraram outros grandes nomes da música raiz, como Inezita Barroso, Cascatinha e Inhana, Tião Carreiro, entre outros. Para abordar a música sertaneja, Teló dialogou com um número maior de cantores desse gênero, entre eles Chitãozinho e Xororó, Daniel, Rick, Christian e Ralf, Milionário e José Rico, Leonardo, Roberta Miranda, Zezé Di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, César Menotti e Fabiano, que se lembraram de outros cantores desse gênero não entrevistados como Léo Canhoto e Robertinho.

Por fim, para mostrar a história do sertanejo universitário e do sertanejo como negócio, o cantor entrevistou Victor e Léo, Fernando e Sorocaba, Paula Fernandes, Gustavo Lima, Luan Santana e Jorge e Mateus.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE: AS RELAÇÕES ENTRE AS MÍDIAS E OS GÊNEROS SERTANEJOS NO PROJETO BEM SERTANEJO

Ao analisar a construção do projeto Bem Sertanejo, notamos que se compõe: do quadro do Fantástico; do DVD musical; do livro; do CD. Cada qual se faz com uma linguagem, uma composição e contribui para divulgação e conhecimento desse projeto e, conseqüentemente, do gênero sertanejo.

No caso do quadro do Fantástico, o Bem Sertanejo se utiliza inicialmente da mídia televisiva para apresentar a história do gênero, mostrando semanalmente as entrevistas feitas por Michel Teló, como se levasse o público a embarcar em uma viagem. Estas entrevistas são com estrelas do momento ou bem conhecidas desse público, que assiste a TV. Cada entrevistado mostra um pouco da sua origem e sua história como cantor, quem foi sua inspiração no gênero sertanejo. E, nesse caso, os cantores de música sertaneja e do sertanejo universitário se reportam a cantores da música raiz, como, por exemplo, o cantor Tião Carreiro, que influenciou e influenciou muitas gerações.

Os espaços das entrevistas nesse quadro do Fantástico, geralmente, são ambientes do cotidiano do artista entrevistado, como sua varanda, seu quarto de gravação, sua fazenda, entre outros. E, muitas vezes, esses espaços retratam o sertanejo ou se referem à cultura sertaneja.

Diferente do quadro televisivo, no livro as cenas são apenas fotografadas, a imagem registrada pelo fotógrafo Hiro é que dá ideia do espaço onde aconteceu a entrevista. O livro tem foco jornalístico, cujo recurso principal são as entrevistas reproduzidas na íntegra com imagens de longa duração, procurando despertar o interesse do leitor pelo conteúdo. No livro, se há significação nas imagens, mas ainda há nas palavras, que detalhadamente descrevem cada pergunta e resposta, bem como traz mais narrativas de cantores que não participaram das gravações do quadro do Fantástico.

Em ambos (quadro e livro), Teló buscou se reportar aos meios de comunicação da época em que cada entrevistado iniciou sua trajetória na música. Assim, em alguns momentos aborda a história do rádio e sua importância, sobretudo, para propagação da música raiz, e em outros fala da televisão, a qual projetou várias duplas, por meio de programas voltados à música sertaneja, como o programa “Bem Amigos”, da Rede Globo, que trazia as duplas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano, os quais se tornaram referência nesse gênero musical.

O DVD musical e o CD, que são mídias digitais, tiveram a função de circular entre os fãs da música sertaneja e que não tem muito contato com a Internet, ou seja, não fazem parte de uma geração tecnológica como os jovens da atualidade. Assim, o DVD contém todos os episódios gravados para o Fantástico, mas apresenta gravações e entrevistas extras, não veiculadas pela mídia televisiva. Geralmente, essas gravações apresentam os bastidores das cenas e, num tom de conversa, aproxima mais o público que assiste ao DVD. Já o CD é um álbum fonográfico, que contém apenas as músicas tocadas durante as gravações.

Como visto anteriormente, cada episódio do quadro do Bem Sertanejo do Fantástico já podia ser acessado pelos internautas, para acompanhar, em tempo real, o programa televisivo. Assim, nesse processo de junção de linguagens e mídias (TV e Internet), o Bem Sertanejo fez uso da transmídia, para alcançar, em tempo real, o seu público da Internet. Esse processo também nos ajudou a obter informações sobre o projeto Bem Sertanejo e esse quadro do Fantástico, já que este projeto está no *Facebook*, no *Youtube*, no Portal G1, além do seu próprio site. São múltiplas plataformas, em meio virtual, que possibilitam fazer a leitura desse projeto e assistir as entrevistas que dele fizeram parte.

Portanto, esse processo formata uma construção de distintas plataformas que juntas alicerçam a ideia de transmídia. Observamos que tais plataformas são mais usadas pelos cantores do sertanejo universitário, pois seu público alvo pertence a uma geração mais tecnológica. Como notado na entrevista de Jorge e Mateus: “Jorge e Mateus foram uma das duplas que mais aproveitaram a ascensão da internet, em uma época na qual as gravadoras ainda não haviam se adaptado às novas tecnologias.” (TELÓ E PIUNTI, 2015, p.15).

Assim, verificamos que, no projeto Bem Sertanejo, Teló buscou mostrar a importância do rádio, da TV e da Internet na propagação e na divulgação do gênero sertanejo, relacionando o rádio à música raiz, a TV à música sertaneja e o sertanejo universitário à Internet. E, nessa era tecnológica, todos eles se encontram, se misturam e se tornam únicos para seu público alvo, sejam jovens (e mais tecnológicos), sejam mais veteranos (e menos tecnológicos).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, verificamos que o sertanejo é um gênero discursivo, com um enunciado particular e individual, mas com inesgotáveis possibilidades comunicativas na esfera que seu enunciado circula, e este busca manter o diálogo entre os três gêneros musicais: música raiz, música sertaneja e o sertanejo universitário. Retomando as palavras de Bakhtin:

[...] dos limites do artefato da arte, não há meio de se assinalar nem mesmo as fronteiras de material ou quais de seus traços têm significado artístico. O material em si e por si funde-se diretamente com o meio extra-artístico circundante e tem um número infinito de aspectos e definições (Bakhtin, 1976, p. 4).

Cada gênero sertanejo foi contemplado sócio-historicamente no projeto Bem Sertanejo, sendo retratado na voz de seus principais artistas e pelas imagens das cenas construídas tanto no quadro do Fantástico como no livro e no DVD. Contudo, notamos que o gênero música raiz foi pouco dialogado, contendo menos representantes nas gravações e entrevistas. Apesar de a maioria dos entrevistados do gênero sertanejo e do sertanejo universitário se reportarem ou se lembrarem durante a entrevista de cantores da música raiz, a relação desse gênero com os demais ficou distante e quase silenciada.

As mídias (rádio e TV) fizeram mais parte da história e do advento da música raiz e da música sertaneja; enquanto que as transmídias (plataformas da Internet que relacionam

sites, *Facebook*, *Youtube*, entre outros) fazem parte da história do sertanejo universitário. O projeto Bem Sertanejo utilizou-se desse recurso tecnológico e teve êxito no seu objetivo de levar a história da música sertaneja tanto para o público fiel ao gênero como a outros que não conhecem seus gêneros discursivos, fazendo circular esses gêneros pela Internet e mostrando um pouco da cultura e da história do que é ser *Bem Sertanejo* em nosso país.

6. REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, G.; TÁRCIA, L. **Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, v. 8, n.º 1, 2012. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401>>. Acesso em: 09 Abr.2017.
- ANTUNES, E. **De caipira a universitário: a história do sucesso da música sertaneja**. São Paulo: Matrix, 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6.d. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. C. A. Faracco e C. Tezza. New York: Academic Press, 1976.
- CHARAUDEAU, P. **Discursos das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. Conceitos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v.1. Disponível em: <<http://www.cienciasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 05 dez 2016.
- GUAZINA, L. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares**. Revista Debates. V. 1. N.º 1. p. 49-64. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/download/2469/1287>>. Acesso em: 21 Abr. 2017.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. ET AL. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 153-166.
- MAGNONI, A. F.; RODRIGUES, K. C. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. **Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/o-radio-e-a-adaptacao-a-nova-era-das-tecnologias-da-comunicacao-e-informacao-contextos-producao-e-consumo>>. Disponível em: 09 Dez. 2016.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular & UFSC, 2007.

OLIVEIRA, A. de P. **Miguilim foi pra fora da cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

PAJEÚ, H.M. **Os gêneros do discurso na criação estética colaborativa**. São Carlos: Pedro & João, 2014.

RENÓ, D. Entrevista sobre “o que é transmídia”. Publicado por: Kiko Machado. Publicado em: 27 de Novembro de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ba4NPK-09Ow>>. Acesso em: 24 Mar. 2017.

TELÓ, M.; PIUNTI, A. **Bem Sertanejo**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2015.

_____ **Bem sertanejo: Fantástico**. Disponível em: <<http://especial.g1.globo.com/fantastico/bem-sertanejo/index.html>>. Acesso em: 22 Jan 2017.

VILELA, I. **A viola**. Projeto Músicos do Brasil: Uma enciclopédia. Disponível em: <<http://www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf>>. Acesso em: 04 Dez 2016.